

GOTHIC LOLITAS: A CONSTRUÇÃO DE SOCIABILIDADE POR MEIO DO “VIRTUAL” E “VISUAL”

Thales Augusto Bernardes*

Cite este artigo: BERNARDES, Thales Augusto. Gothic Lolitas, a construção de sociabilidade por meio do “Virtual” e “Visual”. **Revista Habitus:** revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 110- 121, dezembro. 2011. Semestral. Disponível em: www.habitus.ifcs.ufrj.br. Acesso em: 30 de dezembro de 2011.

Resumo: Neste artigo, debruçamo-nos sobre as *Gothic Lolitas*, grupo urbano de jovens, que sobre influência e ressignificação da cultura pop japonesa, acabaram por criar não só modos, mas meios próprios de sociabilidade, fortemente caracterizada por apropriar-se de elementos como: a estética, hábitos e comportamento de suas contrapartes nipônicas (local de origem do grupo), e por tanto, discorreremos sobre a formação, constituição e especificidades da identidade *Gothic Lolita*, que *on e off-line* constroem suas próprias regras, gerando um discurso de si, por si e para si.

Palavras-chave: Grupos Urbanos, Sociabilidade, Identidade.

1. Introdução às *Gothic Lolitas*

As *Gothic Lolitas* são jovens que compõem um estilo visual, pelo qual se reconhecem e interagem. Tal estilo ganhou as ruas japonesas, local de origem do grupo, no final do século XX. Composto majoritariamente por garotas (há também garotos travestidos ou, no paralelo masculino, chamado Gothic Aristocratic) utilizam-se de roupas inspiradas pela moda vitoriana, edwardiana e rococó, com predominância do preto.

Os grupos possuem suas próprias regras de conduta, para que alguém seja realmente considerada uma “loli” – como se chamam usualmente. O Estilo *Elegant Gothic Lolita*, subdivide-se em vários outros, que mantêm o mesmo estilo estético com algumas alterações como o *White* ou *Shiro Lolita* que tem como característica as vestes completamente brancas, o *Sweet Lolita* que dá preferência a tons pastéis e estampas de coração e morangos, o *Hime Lolita*, no qual, há adornos de princesas ocidentais dentre outros. Há que se esclarecer que ao citar Gothic Lolitas se abarca todos os seus derivados subgêneros, ainda pouco difundidos em nosso país.

No Brasil, o grupo é desdobramento de outro grupo urbano de jovens, conhecidos como *Otakus*. No entanto é de suma importância ressaltar que em nosso país há um tipo diferente de *Otaku*, exemplo notório de tal fato está no próprio nome que designa o grupo e que como e toda qualquer outra denominação por si só é carregada de significações.

Se no Brasil o termo adquiriu uma conotação festiva, expansiva, o que se entende por *Otaku* no Japão é exatamente o inverso.

Em japonês (おたく ou お宅, em tradução literal: “*seu lar*”) é um termo utilizado para designar fãs de assuntos determinados qualquer que seja ele, a exemplo dos fãs de carros (auto otakus) ou fãs de *vídeo-games* (gemu otakus). No imaginário japonês, os *Otakus* se caracterizam como indivíduos verdadeiramente obcecados pelo seu hobby e que acabam por se tornar pessoas pouco sociáveis, tal qual a literalidade da palavra *Otaku* nos indica. Étienne Barral nos dá a seguinte definição do Otaku japonês:

Em japonês, o termo otaku possui dois significados primordiais, que já existiam na língua antes do aparecimento do fenômeno em si. O primeiro corresponde a leitura de um dos caracteres japoneses utilizados para se designar o lugar onde se vive. O segundo significado é uma extensão do primeiro: é um tratamento impessoal de distanciamento que os japoneses utilizam quando precisam dirigir-se a alguém sem, contudo aprofundar a relação privada. [...] Se o termo foi logo aceito para designar esta nova geração de jovens; é porque ele contém em uma mesma palavra as duas principais características do grupo. Efetivamente, os otakus têm aversão de aprofundar as relações pessoais, e preferem ficar em casa, no quarto, onde acumulam o que pode satisfazer sua paixão. (2001:34-35)

No Brasil o termo denomina os fãs de desenhos e quadrinhos japoneses, sem a carga pejorativa que é usualmente utilizada no conceito nipônico. Características pontuais como esta se somam a um desdobramento totalmente peculiar do que ocorre no equivalente grupo de jovens japoneses fãs de *mangás* e *animês*, que por sua vez, transcendem o esperado papel de meio de comunicação e se caracterizam como um mediador de sociabilidade, pois, é a partir deles que estes jovens passam a conhecer muitos dos elementos da estética, dos hábitos, bem como do comportamento japonês e a partir deste ponto começam a ressignificá-los e incorporá-los nas mais variadas faces de suas vidas, e o mesmo ocorre com estas jovens.

O meio *Otaku* passa a ser a gênese de outros grupos urbanos, recriando identidades coletivas e que se interrelacionam, uma vez que se pode ser concomitantemente *Otaku* e *Gothic Lolita*, este último grupo, no entanto, é menor e faz com que aquelas que pretendem adentrar num de seus grupos sejam avaliadas a partir de uma série de regras, criadas pelo próprio grupo. Muitos deles utilizam-se do *Gothic Lolite Bible*, revista de moda e que também carrega em seu conteúdo um específico conjunto de regras a serem seguidas. Tais regras definem modos restritos de agir, se vestir e até mesmo de se comunicar para que elas sejam aceitas em um destes grupos.

O presente artigo pretende compreender a formação e especificidades da identidade das *Lolitas*, bem como suas estratificações e os processos de avaliação e pertencimento ao grupo a que elas estão sujeitas.

Aprofundamento de minha pesquisa de iniciação científica, “*Otakus: Um muito do Japão nos jovens de São Paulo*” se fez necessário abordar a questão de gênero e de poder aquisitivo, que

em minha pesquisa inicial apareceram como fortes marcadores sociais de identificação e também de exclusão ou inclusão ao grupo.

2. Fundamentos teóricos

Com o ensejo de conhecer os espaços onde se concretizam a sociabilidade do grupo, utilizo-me dos conceitos de *pedaço*, *mancha* e *circuito* (MAGNANI & MANTESE, 2007), e ao utilizá-los procuro esclarecer os locais e formas de sociabilidade, bem como todos os matizes em termos de vocabulário oral/gestual/escrito que são oriundos.

O *pedaço* pode ser compreendido como o espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, local onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla do que aquelas fundadas em laços familiares e ainda assim mais densa e estável do que aquelas formais e institucionalizadas pela sociedade. No caso das Gothic Lolitas, este espaço não se caracteriza por ser um espaço físico, mas sim um espaço virtual, sobretudo, os fóruns direcionados a elas e também criados pelas mesmas, além de ser um local de encontro, tendo em vista que são de alcance nacional e que seu grupo além de diminuto, é seletivo.

A maior parte de sua sociabilidade é construída em *pedaços virtuais* mais especificamente em fóruns direcionados, são estes os locais privilegiados para o exercício de sua sociabilidade, por isto, este primeiro conceito recebeu maior atenção do que os dois seguintes conceitos, de íntima relação, também desenvolvidos por Magnani, que são *Circuito* e *mancha*, esse por sua vez, trata-se de uma categoria visada a descrever o exercício de prática ou oferta de determinado serviço por meio de um estabelecimento, equipamentos e espaços que são reconhecidos em seu conjunto pelos usuários habituais e não por contigüidade, que em verdade, não existe. Circuito designa ainda o uso do espaço possibilitando o exercício da sociabilidade por meio de encontros, manejo de códigos sem se ater necessariamente a contigüidade entende-se como *circuito*, os próprios eventos, dedicados à cultura pop japonesa em geral, com maior ênfase na animação japonesa, locais onde as *Lolitas* usualmente possuem salas dedicadas exclusivamente ao tema.

Já o conceito *mancha* tem seu propósito de utilização para descrever um determinado tipo de arranjo social estável na paisagem, afinal se caracteriza por ser área contíguas de espaço urbano dotadas de equipamentos que a delimitam e viabilizam, seja complementando ou competindo, a *mancha* é o produto da relação entre vários estabelecimentos e equipamentos guardam entre si, sendo o motivo de afluência daqueles que a freqüentam que é de natureza mista, neste trabalho são tomados por *mancha*, os jardins da Casa das Rosas e do Parque da Independência, ambos situados na cidade de São Paulo, local onde os grupos que acompanhei reúnem-se em determinadas ocasiões.

3. Do pedaço Gothic Lolita

O ponto mais crucial, a inserção, foi obtido em dois destes fóruns, a saber, não me foi permitido pelas minhas colaboradoras utilizar o nome real dos fóruns, por medo de sofrerem

represálias, por isso os chamaremos de Fórum1 e Fórum2, ambos nacionais com respectivamente 86 e 112 membros.

Minha inserção ocorreu por meio de uma colaboradora em cada (dado o fato que só se entra neste espaço quando convidado), para apreciação dos tópicos e das relações que são criadas neste espaço, bem como nas salas de bate-papo que existem dentro dos mesmos, por vezes, acompanhado delas e algumas vezes só, utilizando-me de suas senhas, com a ressalva de nunca postar nada. Felizmente, uma de minhas colaboradoras que goza de certa influência no fórum em que participa e postou alguns tópicos em meu pedido para que pudesse obter mais fontes para os questionamento que havia me proposto.

A saber, são elas, no primeiro, Yoshiko, 17 anos, estudante, capixaba, não descendente de japoneses e no segundo Lorelai, 16 anos, estudante, paulista e também não descendente, como a esmagadora maioria do grupo. Utilizo-me de *nicknames* indicados por elas e diferentes que as próprias utilizam nestes fóruns a pedido, uma vez que segundo as minhas colaboradoras:

Pra evitar que as Sama (lê-se samá, sufixo de imenso respeito na língua japonesa, normalmente empregado aos imperadores e a Deus) saibam que fui que deixei você ver como funciona e aí eu perco meu status. (Yoshiko 17 anos)

Ou segundo Lorelai:

Foi tão difícil ser aceita por todas que elas poderiam ver como uma falta de respeito eu te mostrar tudo isso sem você nem ser um Aristocratic.

O receio de tornar conhecido o fato de “uma não-loli”, como se referem àquelas e àqueles não envolvidos, conhecer o meio delas inviabilizou o fato de possuir novos informantes diretos.

4. A estratificação lolita

Como é usual em fóruns on-line, sua organização é hierarquizada, sendo classificadas de forma crescente, em ambos, com status sempre em francês, inglês e japonês que vão a ordem crescente: *Chibi* (lê-se “tchibi”, literalmente: pequena), *Infante* (do francês, infanta) passando por *Miss* (Moça), *Mademoiselle* (Moça) *Lady* (Dama), *Bishoujo* (lit. bela moça), *Otome* (Donzela) e finalmente *Sama* ou *Megami* (lit. Deusa)

Tais classificações as empodera a criar ou não tópicos, a estar apta a acessá-los, excluí-los, a ter poder de enviar mensagens privadas àquelas que estão a mais tempo neste meio, a advertir usuárias ou mesmo bani-las, por exemplo.

É notável pelas nomenclaturas a valoração de uma ideia de feminino, haja visto a repetição de “moça” em três diferentes línguas. Este feminino é claramente romantizado, idealizado e que exalta a pureza daquela que o carrega, qualificando-a. A nomenclatura que as viabiliza a fazer algo

ou não nos fóruns não muda caso o usuário seja um homem, que não chega nem a 2% no segundo fórum e que são inexistentes no primeiro.

Diferentemente do que ocorre em fóruns semelhantes, as usuárias destes não ganham classificações mais altas em suas hierarquizações de acordo com o número de postagens. Há um sistema extremamente próprio em ambos: é sim importante participar ativamente do fórum, comentando as postagens, mas é necessário postar fotos suas vestidas em seus trajes, mostrar suas novas aquisições, postagem de links de novos derivados do estilo surgidos no Japão, dividir informações de onde comprar acessórios e roupas, postar matérias sobre o assunto, fazer indicações pessoais às usuárias mais “graduadas” e até mesmo o envio de adornos do estilo às mesmas, como presentes, ou como muito recorrente exclamado por elas nas postagens “*mostra pública de boa fé*”.

Assim sendo, a potência de obter um maior “status” dentro do fórum é galgado via meritocracia. Tais gradações são comunicadas pessoalmente em seus “Chás”, como são chamados seus encontros restritos aos grupos. E quando ocorrem os “Chás” que podemos vê-las em suas *manchas*, determinados parques, por sua vez, são escolhidos pelo romantismo de seus jardins e sua arquitetura, onde posam para fotos.

Os “Chás” sucedem-se por motivos pontuais, simbólicos e também concretos, tais como o “debut” (apresentação pessoal de uma nova Lolita), o “Le Group” misto de “Chá” e aglomeração para ida à algum evento de animação japonesa e claro, a celebração da gradação de uma delas.

Durante os seis meses de trabalho de campo não surgiu o pedido ou a potência de nenhum “Chá” que tivesse como motivação razões alheias ao estrito funcionamento do grupo, como aniversários das integrantes ou encontros esporádicos.

5. Construindo a identidade e sociabilidade Loli: On e Off-line

Após ser convidada para fazer parte do grupo virtual das Lolitas, a garota passa por um tempo de experiência, muito semelhante em ambos os fóruns, para saber se poderá ou não fazer parte do mesmo. Ela é analisada a todo o momento, escolhe seu apelido (majoritariamente também o são em francês, inglês e japonês, com algumas exceções que são abreviações de seus nomes) e é convidada a preencher uma ficha sobre suas preferências e afinidades a exemplo: música, culinária, se sabe costurar, quem a convidou, uma “inspiração Lolita” e um ideal de beleza masculino.

Além de claramente heteronormativa, as perguntas: culinária, costura e ideal de beleza masculina, também são de caráter funcionalista, uma vez que, em seus “Chás” as próprias têm que fazer o que levam ao encontro, e muitas costumam as próprias roupas, devido a escassez de oferta e os altos preços das roupas originais, todas importadas. As novatas têm uma média de cinco dias a uma semana para postar uma foto sua – como Lolita - para apreciação das “sama” ou “megami” dos respectivos blogs, até então ela poderá utilizar uma foto de outra Gothic Lolita em sua foto de exibição.

Segundo Guimarães,

(...) os Nicks se somam aos avatares fornecendo aos visitantes ou membros deste ambiente específico elementos diversos para que a identidade que aquele deseja construir possa ser vislumbrada. Forma-se assim, o que MacKinnon chamou de *personas* (1995, apud Guimarães, 1999) As *personas*, grosso modo, seriam as identidades construídas pelas pessoas para transitar no ciberespaço. (Guimarães, 1998)

Essas *personas*, no entanto, no caso das *Lolitas*, não devem ser entendidas como um perfil falso numa página de um *site* de relacionamentos, elas não pretendem se passar por outrem, mas sim criar relação entre a *persona* que constroem *online* (que é a ideal para ser aceita) e o indivíduo correspondente *off-line*.

O universo *online* permite uma incorporação total destas *personas*, local onde elas podem ser Gothic Lolitas por tempo integral, diferentemente do universo *off-line* que não permite tal fato.

A exemplo: todas as usuárias do Fórum1, disseram que gostariam, mas não podem usar o visual durante o tempo no tópico “*Se você pudesse usaria o visual todos os dias?*” que criei com a colaboração de Yoshiko. Em pergunta semelhante postada no Fórum2 “*Você consegue usar o Visual G.L (Gothic Lolita) no trabalho ou na escola?*” obtive resposta positiva apenas de duas garotas.

As relações *online* (realizadas no *pedaços virtuais, fóruns*) - *off-line* (que ocorrem nas manchas *Chás*) das *Lolitas* dão-se de maneira própria, a maioria dos membros se conhece pelo meio virtual, por ser um grupo restrito e difuso (uma vez que as usuárias espalham-se por todo país, com maior concentração na região sudeste) é este o meio privilegiado pelo qual mantém suas relações, se o primeiro contato ocorre *online*, ele é apenas ratificado, legitimado nas relações *off-line*, sobretudo no caso das *Lolitas*, que são celebrados por razões mais do que bem demarcadas em seus “*Chás*”.

Como nos aponta Carrano, as “*viagens virtuais*” e a sociabilidade oriunda dos encontros virtuais na Internet “*são possibilidades culturais e associativas que ampliam e modificam o mundo de muitos jovens*”. (2003:46)

Assim sendo, as relações *online* e *off-line* deste grupo, não criam duas realidades distintas, mas formam uma realidade que as integra.

6. Construindo a identidade e sociabilidade Loli: O Visual.

Incentivei Lorelai, uma das minhas colaboradoras mais graduada em seu fórum, a criar um tópico em que indagava: “*Como você descobriu o que era e que queria ser uma Loli?*”

Os *mangás* (quadrinhos) e *animês* (desenhos animados) foram apontados como os principais meios pelo quais estas garotas descobriram o estilo Gothic Lolita, e que veio a ser seu mediador de sociabilidade. Cito algumas das respostas:

Ao assistir *Paradise Kiss!* Ao ver as roupas eu sabia que era assim que eu queria ser! Tão lindas, todos aqueles babados, as rendas, as personagens conseguiam ser meigas, femininas e ao mesmo tempo tão sexy sem vulgaridade *o*[1]. E pensei: -- Vou ser assim! (J.P. 19 anos)

Por conta dos mangás do CLAMP (grupo de criadoras de mangás), especialmente *Sakura Card Captors* e *Chobits*, apesar de não ser baseado num ambiente Loli, as roupas da maioria das personagens eram de vários tipos de E.L.G. (abreviação de *Elegant Gothic Lolita*, nome completo do estilo, raramente utilizado). Lembro, as da *Chii* eram absolutamente lindas, eu mesma baseei vários dos meus looks nos delas. Queria ser tão, não sei, especial como elas. (U. C. 16 anos)

Das 112 respostas, 85 foram de diferentes usuárias, e 57 apontaram *mangás* e *animês* como principais meio de conhecimento do estilo, 15 apontaram cantores e cantores de Rock e Pop japonês (J-Rock e J-pop) como Kana e Mana – tido como criador do estilo- 9 apontaram amigas que já gostavam do estilo e apenas 4 a mídia televisiva.

Absolutamente todas, disseram que gostariam de ser uma Gothic Lolita, pelos ideais de beleza, graça e feminilidade que as personagens, cantores(as), amigas ou as *Lolitas* que viram pela televisão lhe passavam.

Há uma série de obrigações e significações, que as próprias fazem sobre si e sobre o que é necessário para que alguém seja reconhecida como Lolita. Estas obrigações vão desde o modo de se vestir, seguindo a estética do estilo, o agir, sempre de forma branda, sem movimentos bruscos, o falar, que deve ser em voz baixa e nunca exaltado, e mesmo o modo de se portar, é vetado a Lolitas, por exemplo, andar desacompanhada sentar-se no chão sem uma toalha ou de pernas abertas.

Com perguntas semelhantes em enquetes em ambos os fóruns “*Como você sabe que é uma Loli de verdade?*” e “*Como ser uma Loli em quatro passos?*” foi obtido como resposta principal sempre, o visual.

O visual, além de meio de identificação com suas iguais, é o que torna público o seu pertencimento ao grupo. A relação consumo-construção do sujeito é quase que íntima no caso das Gothic Lolita.

Se as percepções acerca dos processos de construção do sujeito foram mudando durante a modernidade, também as formas de pensar o consumo foram se transformando. Algo que historicamente sempre foi intrínseco ao consumo social – ou seja, além de servir para seu fim imediato (saída vedável da produção e satisfazer necessidades de sobrevivência), o consumismo por si só foi simbólico e lugar de distinção social –, no decorrer da modernidade se evidencia cada vez mais, levando, no século XX, a um papel de construção de referências públicas sobre o lugar social que se deseja ocupar, do estilo de vida que se busca partilhar e, claro, da construção de si que se quer projetar.

Segundo Mary Douglas e Baron Isherwood, o caráter simbólico do consumo, é de extrema importância, pois “*os bens são neutros, mas seus usos são sociais*” (Douglas & Isherwood 2004: 36), e isto se aplica tal qual uma luva as Gothic Lolitas.

A associação entre consumo e estilo de vida é uma forte marca da lógica do capitalismo, e o estilo Gothic Lolita é fruto de uma sociedade baseada, sobretudo, no consumo, fomentado principalmente pelas mídias, seja pelo conhecimento via mídia impressa ou animada (*mangás e animês*), e isto tende apenas em se expandir cada vez mais, graças ao desenvolvimento das novas tecnologias, como a internet que possibilita a criação da sociabilidade do grupo.

7. Lolita Femina e Contato entre grupos.

Toda esta exaltação a um feminino rebuscado, romantizado, idealizado e virginal, muito me chamou atenção numa época e ainda mais numa sociedade que dá tanto valor ao corpo, sobretudo, desnudo.

Em entrevistas com minhas colaboradoras e com a criação do tópico “*Qual a diferença em uma moça/mulher comum e um Lolita?*” a meu pedido, tentei analisar o por quê de uma valoração tão grande por parte das Lolitas sobre um feminino que vem sendo combatido há muito.

Foram obtidas 116 respostas, de 88 diferentes usuárias, como esperado o visual foi apontado como causa principal por todas, no entanto alguns pontos foram recorrentes em muitas respostas, cito:

Lolitas possuem roupas muito mais românticas, para mostrarem ao mundo como são românticas, delicadas e recatadas, somos donas de nossas vidas, não são como um pedaço de carne à venda como muitas dessas meninas nas ruas. (K.O 18 anos)

Nós diferenciamos não só pelo nosso visual, muito mais kawaii (lit. bonitinho, fofinho) do que qualquer outra garota, mas por sermos assim, diferentes até no jeito com que falamos com os meninos que sabem que não estão falando com qualquer uma. d*.*b[2] (R.R. 16 anos)

Toda esta busca uma idéia da perfeição aliada a uma extrema feminilização, exposta pelas vestes, pelos atos e trejeitos e até pela escrita (erros de grafia são raríssimos e mesmo na escrita *online* que costuma ser repleta de abreviações e pouca preocupação gramatical, não é recorrente sem seus fóruns, mas caracteres que façam parte de uma estética *Kawaii* que remetem a rostos e animais são largamente utilizados) das Lolitas é entendida não só como um marcador de diferença com os outros grupos de garotas, toda esta polidez que elas fomentam é compreendido como um marcador de diferença e superioridade, por terem a si como mais femininas, recatadas e educadas que as demais, o grupo se considera melhor do que qualquer outro, cito:

@.@[3]Gente como assim!? Nos nossos Chás, além de conversarmos, trocarmos fotos, ouvir Malic Mizer (famosa banda de Jrock, do qual fazia parte Mana, tido como criador do estilo) ou conhecer

melhor uma nova em um debut, conversamos e levamos os livros que estamos lendo e até recitamos poemas, que outras meninas da nossa idade fazem isso? A verdade é que nós, Lolis de verdade somos bem mais interessantes e bem vestidas né?! (L.J. 16 anos)

Fazer parte do grupo não só concebe uma superioridade pela diferença, bem como ratifica a genuinidade de ser uma Loli, não ser reconhecida pelo fórum como Lolita é não ser reconhecida como Lolita em geral, por nenhum destes grupos, que por sua vez, mantém um contato pontual. Pela razão que me explicou uma de minhas colaboradoras:

As Samas, chamam de Liga IVY, como as melhores faculdades dos EUA sabe!? A gente quase nunca encontra as meninas dos outros fóruns num Chá, as Sama mantêm contato para que apenas alguns fóruns se reconheçam, senão qualquer uma abre um fórum e aí o estilo vai virar uma decadência só né?!. (Yoshiko. 17 anos)

O grupo é seletivo, reduzido e assim faz questão de o ser. Apenas as *Lolitas* de determinados fóruns são reconhecidas umas pelas outras como “Loli de verdade”, o que exclui automaticamente aquelas que não fazem parte de nenhum destes e que surgem vestidas nos eventos de animação japonesa, como explicitam minhas entrevistadas e integrantes de ambos os fóruns em tópico que foi colocado a meu pedido, que indagava “Lolitas de Encontro: São Lolitas?”:

Elas não são Gothic Lolitas não, é um cosplayzinho (cosplay, vestir-se como um personagem ou qualquer outro símbolo da cultura pop japonesa) e bem mal feito! Lolita gritando? Correndo?? A gente jamais faria isso. (Yoshiko. 17 anos)

Algumas meninas fazem até uns modelos legais, mas Lolita não é só vestir não. E se ela não conhece nenhuma Loli de verdade, como ela pode ser uma Loli?! (Lorelai. 16 anos)

Aí é fácil né? Ser Lolita uma vez ao ano...ela vai repetir aquele vestido todo ano, com um babado a mais aqui, um chapéu diferente e nunca nem vai saber quem é o Mana. (K.S 18 anos)

8. Considerações finais

As Gothic Lolitas estudadas são garotas brasileiras, que se inspiram numa moda de rua japonesa, influenciada pela estética rococó, moda francesa do século XVII e que promovem encontros que remetem aos chás das 17h britânicos, pelo seu decoro e pontualidade, pois é absorvendo e ressignificando idéias de beleza e comportamento, criando uma sociabilidade que vem atravessada de diversas culturas, e por cultura, entende-se como: “um sistema de signos e símbolos que articulam significados. Significados estes que são desdobramento de diferentes articulações produzidas em contextos regionais específicos.” (ORTIZ, 1994:10)

O reconhecimento pode se dar de diferentes formas, próprias e singulares, de articular significados dentro de um mesmo espaço geográfico ou no interior de uma mesma sociedade ou

nação, o que leva os estudiosos contemporâneos a falar em culturas, no plural, contestando a ideia clássica de existência de uma cultura, nacional ou regional, que aglutinaria diferentes grupos sociais.

A cultura das Gothic Lolitas resulta de um processo um tanto quanto que aleatório de tornar próprio a elas, elementos que são originalmente estranhos uns aos outros, criando configurações que poderiam ser definidas como híbridas. Os processos de hibridação acontecem em condições históricas e sociais específicas, em meio a normas de produção e de consumo. Para Canclini são “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas.” (CANCLINI, 2006: 19).

A hibridação, compreendida como procedimento de interseção e acordos, é o que possibilita que a multiculturalidade evite o que existe de segregação e se desdobre em interculturalidade (CANCLINI, 2006: 20-21), e isto se dá separando-se ou ignorando certos aspectos particulares e adaptando-os à sua própria cultura. O forte interesse por uma cultura “alheia”, ou no caso das *Gothic Lolitas*, o misto de várias delas, - a exemplo o interesse pela cultura pop japonesa - não carrega em si aspectos culturais contraproducentes, que poderiam alterar de forma imprevisível a nossa própria cultura, pois a hibridação transforma a multiculturalidade em interculturalidade.

A assimilação, ressignificação, difusão, produção e reprodução da cultura é fundamentalmente dependente do processo de socialização, como apontado por Simmel (2006), por ser uma forma de interação espontânea entre indivíduos, cuja finalidade está na própria associação.

Pode-se compreender sociabilidade como uma rede de relações interpessoais que expressa uma ampla gama de interesses entre os atores sociais, sendo assim, uma interação entre diferentes, mas com objetivos comuns, um espaço de pertencimento que, reproduz a lógica do meio no qual se constitui ao mesmo tempo em que a modifica.

Por isto a convivência e a organização social caracterizam-se como fenômenos complexos, contraditórios, e é no seu interior que há potência para mudanças em diferentes níveis de uma determinada sociedade podendo se configurar no que é chamado de *mundialização*, que se dá de forma contundente pelos meios de comunicação, seja pelos *mangás* e *animês* que lhes apresentam o estilo *Gothic Lolita*, seja pela internet, que coordena e articula as mais variadas temporalidades de produtoras e receptoras diferenciadas, diminuindo as fronteiras físicas e culturais.

Segundo Carrano:

a mundialização está se consolidando por questões de interesse nacional e internacional que se tornaram globalizantes e mundializadas. As fronteiras tradicionais se transformaram, configurando-se de forma mais porosa e mais cambiante, o que facilitou novas práticas de agrupamentos e de relações entre comunidades. (2003:27)

Esta *mundialização*, para além das mídias, possui como agentes e produtoras as próprias

jovens do grupos *Gothic Lolita*, como apontado por Henry Jenkins, existem duas forças opostas que são as grandes responsáveis pelo considerável

fluxo de bens asiáticos no mercado ocidental, que foi moldado por duas forças concorrentes: a convergência corporativa, promovida pelas indústrias midiáticas, e a convergência alternativa promovida pelas comunidades de fãs e pela população de imigrantes (2008:105).

O grande interesse adicionado a escassa oferta do mercado, não deixou *Gothic Lolitas* apenas a esperar, o criam elas mesmas necessidades ao mercado. Nos fóruns visitados existem 12 usuárias que fabricam as roupas e adornos do estilo e os vendem em seus endereços eletrônicos, um dos sites recebe cerca de 300 visitas diárias e faz vendas internacionais.

Notadamente, este trabalho indicou que estas jovens Gothic Lolitas, a partir do que é produzido e veiculado nas mídias (imprensa, digital e/ou televisiva), criam formas próprias de linguagem e também imagéticas, ao passo que criam suas regras de conduta e reconhecimento. Tudo como resultado único e híbrido de elementos culturais de origens distintas, pois é claro apreender que as integrantes grupo buscam estabelecer, coletivamente, formas de garantir um espaço de proximidade entre sua cultura e as culturas das quais derivam as características do grupo original, as vestes francesas, os hábitos ingleses e a símbolos e marcas impressas sobretudo na cultura pop nipônica, frente o forte processo de *mundialização* cultural que o Japão tem promovido, de maneira mais contundente pelos meios midiáticos, utilizando-se de sua cultura pop.

As *Gothic Lolitas* são frutos e agentes deste processo de *mundialização*, um grupo urbano que ilustra bem este *hibridismo cultural* e que prossegue dando novas significações não só ao seu grupo e as tão próprias relações que criam mas também ao modos de se entender o feminino. 🌀

NOTAS

* Aluno do 9º período da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP. Professora Orientadora: Andréa Cláudia Miguel Barbosa. E-mail: thalesabernardes@gmail.com.

[1] Representação de uma expressão de admiração, com olhos brilhantes e boquiaberto

[2] Representação de uma uma outra expressão de admiração, também de olhos brilhantes enquanto ouve-se música em fones de ouvido respresentados pelas letras “d” e “b” em minúsculo respectivamente.

[3] Representação de uma expressão de espanto com olhos demasiadamente abertos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRAL, Étienne. **Otaku, os filhos do virtual**. São Paulo, SENAC. 2001

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis, Editora Vozes, 2003.

DOUGLAS, Mary & ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens. Para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: EDUFRRJ, 2004.

GUIMARÃES JR., Mário J.L. **Sociabilidade no Ciberespaço: Distinção entre plataformas e ambientes**. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/plat_amb.html>. Trabalho apresentado na **51ª reunião anual da SBPC – PUC/RS**, julho de 1999. Capturado em 11 Dez. 2010

_____. **Etnografia em Ambientes de Sociabilidade Virtual Multimídia**. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/etn_palace.html>. Trabalho apresentado na mesa redonda “Novos Paradigmas: Etnografia e Ciberespaço” do **10º Ciclo de Estudos sobre o Imaginário**. Recife, novembro de 1998. Último acesso em 26 Dez. 2010

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo. Aleph, 2008

MAGNANI, José Guilherme C. & MANTESE, Bruna (org). **Jovens na Metrópole**. São Paulo, TERCEIRO NOME. 2007

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo, Brasiliense. 1994

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

[\[Retornar ao índice\]](#)